

Políticas Públicas na Educação Brasileira

Caminhos para a Inclusão

Atena Editora



Atena Editora

**POLÍTICAS PÚBLICAS NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA:
CAMINHOS PARA A INCLUSÃO**

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Edição de Arte e Capa: Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Profª Drª Adriana Regina Redivo – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Pesquisador da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Javier Mosquera Suárez – Universidad Distrital de Bogotá-Colombia
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª. Drª. Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª. Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª. Drª. Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P769 Políticas públicas na educação brasileira: caminhos para a inclusão /
Organização Atena Editora. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora,
2018.
273 p. : 2.547 kbytes – (Políticas Públicas na Educação
Brasileira; v. 5)

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-85-93243-78-3
DOI 10.22533/at.ed.783182203

1. Educação e Estado – Brasil. 2. Educação – Aspectos sociais.
3. Educação inclusiva. I. Série.

CDD 379.81

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins
comerciais.

www.atenaeditora.com.br

E-mail: contato@atenaeditora.com.br

SUMÁRIO

CAPÍTULO I

CULTURA SURDA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DESENVOLVIDAS POR PROFESSORAS NO CURSO DE PEDAGOGIA

Fernando Rodrigues Tavares e Polliana Barboza da Silva..... 6

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO DE SURDOS: UM RESGATE HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO APRENDIZAGEM PARA OS DEFICIENTES AUDITIVOS

Daniele Gruska Benevides Prata, José Kasio Barbosa da Silva, Marcos Andrade Alves dos Santos, José Rafael Moura Silva, Luis Gustavo Guerreiro Moreira e Juliana Brito Cavalcante 16

CAPÍTULO III

A EDUCAÇÃO ESPECIAL EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE RECIFE – PE

Anderson Felipe Pereira da Silva, Elyza Matutynna de Queiroz Santos, Luiz Ferreira de Oliveira Junior, Maria Elena da Cruz e José Dayvid Ferreira da Silva 29

CAPÍTULO IV

A EDUCAÇÃO ESPECIAL SOB O PRISMA DA LEGALIDADE: CAMINHOS NORMATIVOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Ana Cristina de Almeida Cavalcante Bastos, Ana Paula Soares Loureiro Rodrigues e Layanna de Almeida Gomes Bastos 37

CAPÍTULO V

A UTILIZAÇÃO DE MATERIAIS MANIPULÁVEIS PARA INTRODUÇÃO DO NÚMERO PI A ALUNOS SURDOS E OUVINTES NO ENSINO FUNDAMENTAL

Anyla Laise Santos, Monalisa Silva Melo, Karolina Lima dos Santos Araújo e José Jefferson da Silva 51

CAPÍTULO VI

A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS COMO MÉTODOS MEDIADORES E FACILITADORES NO ENSINO DE QUÍMICA PARA ALUNOS CEGOS

Andrezza Damasceno de Macêdo, Ana Célia Pereira Damasceno de Macêdo, Amanda Damasceno de Macêdo, Ana'mélia Damasceno de Macêdo, Cintia Valéria da Conceição, Juliana da Silva Pereira e Lourhan Oliveira Chaves..... 59

CAPÍTULO VII

BRINQUEDOTECA, BRINCAR PARA INCLUIR: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Pollyana Souto da Silva, Pedro Thiago Chagas de Souza, Bruna Caroline Pessoa Guimarães e Tânia Maria de Oliveira Nery..... 70

CAPÍTULO VIII

DESAFIOS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE PESSOAS AUTISTAS

Luanna Raquel Gomes Macedo, Tatiana Cristina Vasconcelos, Joselito Santos, Aline Oliveira Costa, Fernanda Caroline Pereira Silva e Nathalia Rodrigues Araújo.....81

CAPÍTULO IX

EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES A PARTIR DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

Blenda Carine Dantas de Medeiros e Thiago Matias de Sousa Araújo.....94

CAPÍTULO X

EDUCAÇÃO INCLUSIVA E A CONCEPÇÃO VYGOTSKYANA DA MEDIAÇÃO

Wuallison Firmino dos Santos, Vanessa Lays Oliveira dos Santos e Marcus Bessa de Menezes..... 105

CAPÍTULO XI

EDUCAÇÃO INCLUSIVA: UMA ANÁLISE PROFISSIONAL E CURRICULAR

Renan Belém da Silva, Osias Raimundo da Silva Junior, Carlos Augusto Batista Sena, Vyctor Mateus de Melo Alves da Silva e Rebeka Rayane Araujo de Lima..... 115

CAPÍTULO XII

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL NO GRUPO AGITAÇÃO RIO PRETO: ANÁLISE DA ACESSIBILIDADE EM AMBIENTES PROPÍCIOS AO LAZER E À EDUCAÇÃO

Maria Fernanda Sanchez Maturana, Vagner Sérgio Custódio, Vanessa Cristina Sossai Camilo e Fátima Elisabeth Denari..... 124

CAPÍTULO XIII

INCLUSÃO DE ALUNO COM SÍNDROME DE DOWN NO ENSINO SUPERIOR É POSSÍVEL

Sônia Helena Costa Galvão de Lima e Edileine Vieira Machado..... 134

CAPÍTULO XIV

INCLUSÃO DO ALUNO SURDO NO ENSINO REGULAR

Patrícia Teixeira de Matos e Raimunda Aurília Ferreira de Sousa..... 146

CAPÍTULO XV

INCLUSÃO ESCOLAR DE DEFICIENTES FÍSICOS: ESTUDO DE CASO DE PESSOAS COM OSTEOGÊNESE IMPERFEITA.

Núbia Xavier da Silva, Carla Estefani Batista, Oberdan José Teixeira Chaves e Agerdânio Andrade de Souza 159

CAPÍTULO XVI

INCLUSÃO ESCOLAR: ESTUDO REALIZADO COM ALUNOS COM SÍNDROME DE DOWN NA REDE PRIVADA DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE OLINDA/PE

Márcia Rejane Almeida de Carvalho ,..... 174

CAPÍTULO XVII

MIELOMENINGOCELE E HIDROCEFALIA NA ESCOLA: ROMPENDO COM OS NERVOS DAS LIMITAÇÕES EDUCACIONAIS

Katheley Wesllayny da Silva Santos..... 191

CAPÍTULO XVIII

OS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO E A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL: UMA REVISÃO DA LITERATURA

Keilla Rebeka Simões de Oliveira e Sandra Patrícia Ataíde Ferreira 204

CAPÍTULO XIX

POLÍTICAS DE INCLUSÃO E EVASÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR PRIVADA: INCLUSÃO, PARA QUEM?

Andreia Gomes da Cruz 216

CAPÍTULO XX

PROJETO DE INTERVENÇÃO: “A INCLUSÃO COMEÇA POR VOCÊ!”

Amanda Pereira Soares Lima e Carla Montefusco de Oliveira..... 231

CAPÍTULO XXI

REFLETINDO A AVALIAÇÃO E (RE)PENSANDO MODELOS ALTERNATIVOS PARA ALUNOS COM NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECÍFICAS

Déborah Kallyne Santos da Silva, Veralucia de Lima Silva, Marly Santos da Silva, Cristiane do Nascimento Martins e Adriana de Andrade Gaião e Barbosa..... 242

CAPÍTULO XXII

TECENDO RELAÇÕES ENTRE LETRAMENTO DIGITAL E INCLUSÃO SOCIAL

Luciana Velloso..... 251

Sobre os autores.....262

CAPÍTULO II

A EDUCAÇÃO DE SURDOS: UM RESGATE HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO APRENDIZAGEM PARA OS DEFICIENTES AUDITIVOS

**Daniele Gruska Benevides Prata
José Kasio Barbosa da Silva
Marcos Andrade Alves dos Santos
José Rafael Moura Silva
Luis Gustavo Guerreiro Moreira
Juliana Brito Cavalcante**

A EDUCAÇÃO DE SURDOS: UM RESGATE HISTÓRICO DO DESENVOLVIMENTO DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO APRENDIZAGEM PARA OS DEFICIENTES AUDITIVOS

Daniele Gruska Benevides Prata

Universidade Estadual do Ceará, Doutoranda em Políticas Públicas
Fortaleza – Ceará

José Kasio Barbosa da Silva

Universidade Estadual do Ceará, Graduando em Sociologia
Fortaleza – Ceará

Marcos Andrade Alves dos Santos

Universidade Federal do Ceará, Especialização em Gênero e Diversidade na Escola
Fortaleza – Ceará

José Rafael Moura Silva

Universidade Estadual do Ceará, Graduado em Pedagogia
Fortaleza – Ceará

Luis Gustavo Guerreiro Moreira

Universidade Estadual do Ceará, Doutorando em Políticas Públicas
Fortaleza – Ceará

Juliana Brito Cavalcante

Universidade de Fortaleza, Doutoranda em Psicologia
Fortaleza – Ceará

RESUMO: O presente trabalho trata da problematização evolutiva dos métodos e técnicas de educação de surdos, podendo contribuir para uma realidade em que a maioria das escolas do Brasil encontram-se. Para isto, optamos por realizar uma pesquisa bibliográfica, uma vez que as iniciativas práticas ainda não se configuram como uma realidade cotidiana e poucas escolas estão preparadas para atender os indivíduos portadores das mais diferentes necessidades especiais. Através da análise de publicações sobre o assunto, foi possível construir um estudo sobre as peculiaridades da educação de surdos, como ocorre a aquisição da leitura e da escrita e que ações podem ser mais efetivas para potencializar e oferecer condições mais elaboradas de ensino e aprendizagem para os educando e professores.

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Inclusão. Surdez.

1- INTRODUÇÃO

O preconceito contra pessoas com necessidades educativas especiais remonta à Grécia Antiga. Mitos que tratam da deficiência como uma espécie de castigo ou incapacidade podem ser encontrados em escritos Greco-romanos. À exemplo do que ocorreu com Hefesto, que foi jogado do Olimpo para a Terra pela sua mãe Hera, quando percebeu sua deficiência. Mesmo que Hefesto tenha demonstrado a capacidade de se desenvolver e ser reconhecido por ser um

magnífico construtor, a sua aparência e dificuldade para locomoção prejudicaram bastante a sua relação com outros Deuses (SILVA, 1998).

Embora mudanças na sociedade tenham modificado sobremaneira a atenção e tratamento da pessoa com deficiência, ainda encontramos descaso e preconceito. Mesmo que a legislação construída a partir da Constituição de 1988 tenha abordado a temática em suas cláusulas pétreas, os direitos cidadãos para a pessoa com deficiência ainda são desrespeitados, principalmente no tocante ao acesso à educação (BRASIL, 1998).

O interesse pelo tema por parte dos alunos do curso de pedagogia ocorre principalmente quando as disciplinas de LIBRAS e das oficinas de legendagem, técnica que utiliza a descrição na tela, nas produções visuais para pessoas surdas. As aulas de educação especial dos cursos de licenciatura abrem a temática. Oferecendo oportunidade para aprender técnicas de trabalho com os alunos que precisam de atenção especial.

As políticas públicas, no tocante da educação de pessoas com necessidades especiais, ainda são incipientes e refletem a falta de atenção ao sujeito com deficiência. Os educadores que atuam no campo da educação especial possuem pouca qualificação e assumem a tarefa como uma carga indesejada de trabalho. Sem a capacitação devida, o educador acaba por assumir de forma parcial a sua função, transformando a escola em um depósito de crianças, principalmente quando se trata da criança com deficiência (MANTOAN, 2010).

Apesar de o sistema educacional público ser reconhecidamente precário, sobretudo na educação especial, que deveria atuar de acordo com os principais mais elementares da inclusão, nos últimos anos a abordagem sobre a temática na mídia e ações depreendidas nas políticas públicas tem voltado atenção da sociedade para a concepção, os limites e as potencialidades dos sujeitos com necessidades especiais. No tocante do diálogo sobre a “invisibilidade” dos sujeitos e da possibilidade de tornar a vida acessível a todos os cidadãos, os mais diversos órgãos de defesa dos direitos da pessoa com deficiência tem buscado melhorias nas condições de desenvolvimento (QUADRO, 2010).

No ano de 2008, o Ministério da Educação estabelece um documento intitulado Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva: Avanços e Desafios, com uma importância bastante significativa, na qual vem de forma explícita defender o direito e a obrigatoriedade de todas as crianças estarem matriculadas em escola comuns e nas Salas de Recursos Multifuncionais, assim como a garantia ao Atendimento Educacional Especializado (MANTOAN, 2010).

Esse documento trata, dentre outros aspectos, da qualificação dos docentes para atuar no campo inclusivo, desenvolvendo habilidades de comunicação, do uso de métodos e técnicas diferenciados para oportunizar a possibilidade dos alunos com as mais diversas peculiaridades possam se desenvolver.

Esta pesquisa, de cunho bibliográfico, se propõe a um resgate histórico da educação de surdos, uma avaliação dos modelos do passado e das técnicas atuais

e do papel do educador no desenvolvimento de ferramentas de ensino-aprendizagem que permitem a educação dos sujeitos com dificuldades auditivas.

Para tanto, foram analisados além de textos sobre a história da educação de pessoas com necessidades especiais, manuais técnicos sobre técnicas de ensino, a legislação pertinente e textos que avaliam de forma crítica a perspectiva da educação inclusiva.

2- METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através das bases bibliográficas sobre a matéria educação de surdos. Uma vez que existem poucas publicações sobre o tema e que as escolas especializadas não são uma realidade no Brasil, poucas informações puderam ser encontradas, tornando-se um grande desafio a compilação de dados sobre o assunto. Desta forma, optamos por realizar um apanhado histórico, avaliando a teoria pertinente às estratégias de ensino e aprendizagem desenvolvidas para a promoção da escolarização de surdos.

Este trabalho se voltou para uma investigação minuciosa sobre a perspectiva da surdez nas publicações mais relevantes sobre o assunto, levando em consideração as referências mais atuais e aquelas em que as pesquisas possuem maiores impactos no seu segmento (BOCCATO, 2006).

A pesquisa bibliográfica se propõe a traçar alternativas para a resolução de um problema, por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação (VOLPATO, 2000).

Desta forma, como esclarece Volpato (2000), esse tipo de pesquisa consiste numa revisão literária sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico, o que denominamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, que pode ser realizada em livros, periódicos científicos, artigos de jornais, sites de internet, entre outras fontes.

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1- BREVE HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Para os gregos e romanos o surdo não era considerado humano, pois a fala era um resultado do pensamento. Consequentemente, quem não pensava não era humano. Não tinha direito a testamentos, à escolarização e a frequentar os mesmos

lugares que os ouvintes. Até o século XVIII, os surdos eram privados até mesmo de casarem (SILVA, 1998).

Durante a Idade Média a igreja católica teve papel fundamental na discriminação às pessoas com deficiência, já que para ela o homem é criado à “imagem e semelhança de Deus”, ou seja, os que não se encontravam dentro desse paradigma eram postas à margem, portanto, não sendo considerados humanos. Mas isso incomodava a igreja, principalmente quando se referia as famílias abastadas (LACERDA, 1998).

Na Idade Moderna experiências educacionais com crianças surdas começaram a ser noticiadas. Alguns autores daquela época se destacaram, como: Giralano Cardano (1501-1576), Ponce de León (1520-1584), Juan Bonet (1579-1653), Charles L'Épée (1712-789) entre outros. Embora as concepções sobre educação possam ser consideradas desatualizadas para os padrões atuais, esses estudiosos promoveram a perspectiva de inclusão de sujeitos com particularidades, que precisavam de uma atenção diferenciada para atingir os objetivos escolares (GOLDFELD, 1997).

No Brasil, a história da educação de surdos surge com a criação do Instituto de Surdos-Mudos, hoje denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). O instituto foi fundado no dia 26 de setembro de 1857, no Rio de Janeiro, pelo então professor surdo francês Ernest Huet, que por meio de um decreto imperial de D. Pedro II. De início, o instituto foi instalar um asilo, onde só eram aceitos surdos do sexo masculino. Eles vinham de vários lugares do país e sofriam com o abandono da família. Só a partir do ano de 1931 é que o atendimento foi ampliado e foi criado o externato feminino com oficinas (DÍAZ, 2009).

No século XX houve a ampliação da oferta de vagas nas escolas para surdos. Institutos particulares que ofereciam classes privativas para atender os indivíduos com necessidades especiais auditivas foram criados, porém ainda não conseguiam atingir o número total de pessoas que precisam de escolarização (GOLDFELD, 1997).

Segundo Silva, Castelar e Mendes (2009) é importante salientar que o recurso da língua de sinais apresenta-se de forma autônoma e reconhecida, em razão que possuía uma organização linguística semelhante à língua oral. Porém, ainda é preciso revisar suas legislações em função das constantes transformações sociais, da própria evolução dos conhecimentos dos surdos e, principalmente das regências dos centros educacionais.

Segundo Goldfeld (1997), em 1993 acontece no Brasil a criação da comissão de luta pelos direitos dos surdos. No ano de 1986, o centro SUVAG (PE) faz sua opção na metodologia do bilinguismo, tornando-se o primeiro lugar no Brasil onde efetivamente essa orientação passou a ser praticada. No ano de 1987, criação da Fundação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), em 16 de maio de 1987, sob a direção de surdos. No ano de 1991 a LIBRAS é reconhecida oficialmente pelo governo do estado de Minas Gerais / Lei nº 10.397 de 10/01/91.

Em 2006 surge o Exame de Certificação Tradutor Interpretador de Libras – Prolibras, instrutor de Libras e o curso de Letras-Libras Bacharelado e Licenciatura

EaD. Em 2010 surge o curso Superior de Letras-Libras Bacharelado e Licenciatura presencial na UFSC. Já no ano de 2010, é promulgada a Lei nº 12.219 de 1 de setembro, que regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e intérprete da Língua Brasileira de Sinais. – LIBRAS (REPOLI, 2010).

As diferentes práticas pedagógicas que envolvem os sujeitos surdos apresentam uma série de limitações e, claro, esses sujeitos no final dos estudos da escolarização básica, não conseguem ler, nem escrever com fluência ou ter domínio dos conteúdos acadêmicos apresentados. (Essas questões já foram adequadas por uma série de autores que se preocupam com a realidade escolar do surdo no Brasil (PEIXOTO, 2006).

Segundo Lacerda (1998) cada país tem seus estudos aprofundados sobre a língua de sinais, e só em alguns, os estudos são bastante desenvolvidos. Em diversos países, como o nosso, as experiências bilíngues ainda são restritas há poucos centros, por causa de algumas dificuldades já citadas e também pela resistência de muitos em considerar a língua de sinais como língua verdadeira ou aceitá-la como educação no trabalho com pessoas surdas. Dessa forma, a maioria das práticas de educação de surdos ainda hoje é o oralismo ou se enquadra dentro do âmbito da comunicação total. Apesar de não existir dados oficiais no Brasil, pode-se dizer, por observações assistemáticas, que a comunicação total continua em desenvolvimento, enquanto as práticas oralistas tendem a diminuir. O surgimento da comunicação total trouxe uma principal mudança pedagógica, a entrada de sinais em sala de aula. O uso dos sinais pode ser bastante variado, depende muito da opção feita no trabalho de comunicação total.

Diante dessas questões é possível constatar que, de alguma forma, as três principais abordagens de educação de surdos (oralista, comunicação total e bilinguismo) coexistem, e com simpatizantes de todo o mundo. Cada país com seus prós ou contras; essas abordagens abrem espaços para reflexões em uma busca por um caminho educacional que realmente favoreça o desenvolvimento pleno dos sujeitos surdos, afinal, isso que importa; e que automaticamente contribua para que sejam cidadãos em nossa sociedade.

3.2- EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA COMUNICAÇÃO DOS SURDOS

Segundo Lacerda (1998) diferente de seus contemporâneos, De L'Épée não enfrentou dificuldades para romper com a tradição das práticas secretas e além do mais, não se limitou a trabalhar de forma individual com poucos surdos. No ano de 1775, fundou uma escola, a primeira em seu gênero, onde funcionavam aulas coletivas, onde professores e alunos utilizavam os chamados sinais metódicos. L'Épée utilizava-se de reuniões periódicas para divulgar seus trabalhos e se propunha a discutir seus resultados. Em 1776, publicou um livro no qual divulgava suas técnicas; seus alunos se apropriavam bem da escrita, e acontecia de muitos deles ocuparem mais tarde cargo de professores de outros surdos. Nesse período

também, alguns surdos puderam se destacar e ocupar posições importantes na sociedade.

Realizado em 1880, na cidade de Milão, o II Congresso Internacional de Surdos impactou o rumo da educação de surdos. Esse congresso foi preparado por uma maioria oralista que mantinha, logicamente, o firme propósito de dar força de lei as suas respectivas proposições no que se referia à surdez e à educação de surdos. O método alemão vinha ganhando cada vez mais adeptos e foi estendendo-se consideravelmente pela maioria dos países europeus, acompanhando o destaque político internacional da Alemanha no qual estavam vivendo.

Segundo Goldfeld (1997) o oralismo ou filosofia oralista visa à integração da criança com surdez na comunidade de ouvintes, dando-lhe condições para desenvolver a língua oral (no caso do Brasil, o português). Para alguns dos defensores dessa filosofia, a linguagem restringe-se à língua oral sendo por isto ela mesma, a única forma de comunicação dos surdos. Acreditam que para a criança surda se comunicar é necessário que ela saiba oralizar.

A primeira caracterização sobre língua de sinais se encontra nos estudos de DeL'Épée. Muito tempo se passou para uma atualização sobre os estudos da língua de sinais, abordando um ponto de vista mais “lingüístico” pudesse ser despertado novamente, o que ocorreu por volta dos anos 60 com estudos de Willian Stokoe.

Segundo Lacerda (1998) estudando a Língua de Sinais Americana (ASL), Stokoe encontra na estrutura gramaticalgestual que até então muito se assemelhava com a estrutura das línguas orais. Fala que, assim como existe a comunicação de números restritos de som (fonemas) cria-se um número bastante significativo de unidades dotadas de significados (palavras), além da combinação de um número restrito de unidades mínimas na dimensão gestual (queremas) pode-se produzir um grande número de unidades de significado (sinais). Propôs também em suas análises que um sinal pode ser decomposto em três parâmetros básicos. O lugar onde as mãos se movem, a configuração da(s) mão(s) ao realizar o sinal e o movimento da(s) mão (s) ao realizar o sinal, sendo estes então os “traços distintivos” dos sinais.

Este estudo e posteriormente outros que surgiram após o primeiro trabalho de Stokoe revelaram que a língua de sinais era sim verdadeiras línguas, preenchendo em parte os requisitos que a linguagem até então colocava no padrão das línguas orais.

O descontentamento com o Oralismo e pesquisas sobre língua de sinais deram origem a novas propostas pedagógicas-educacionais em relação à educação da pessoa surda, e essa tendência ganhou mais impulso nos anos 70 e foi chamada de comunicação total. O objetivo seria fornecer à criança a possibilidade de desenvolver uma comunicação real com seus familiares, professores e coetâneos, para que possam. Este estudo e outros que o sucederam, revelaram que a língua de sinais era sim verdadeiras línguas, preenchendo em parte os requisitos que a linguagem até então colocava no padrão das línguas orais. Construir seu mundo interno. A Oralização não é o objetivo primordial da comunicação total, mas é uma das áreas trabalhadas para que se possibilite a integração social do indivíduo surdo (DÍAZ, 2009).

O que os estudos têm demonstrado é que em relação ao Oralismo, alguns aspectos no âmbito do trabalho educativo foram melhorados e que os surdos, no final do processo escolar, demonstraram conseguir compreender e se comunicar um pouquinho melhor. Por outro lado, segundo análises avaliativas, eles ainda apresentam uma série de dificuldades em expressar sentimentos, ideias e comunicar-se em contextos extraescolares (FERNANDES, 1989).

Com relação à escrita, os problemas apresentados continuam aparentes e significativos, sendo que poucos sujeitos alcançam autonomia nesse modo de produção de linguagem. Percebem-se poucos bem-sucedidos, mas a maioria não consegue atingir um nível acadêmico satisfatório para sua faixa etária.

Com relação aos sinais, estes ocupam um lugar meramente acessório de auxiliar da fala, não ocorrendo espaços para seu desenvolvimento. Assim, muitos surdos que são atendidos seguindo essa orientação, comunicam-se precariamente apesar do acesso aos sinais. Isso acontece por que o acesso é ilusório no âmbito de tais práticas, ou seja, os alunos não aprendem a compreender os sinais como verdadeira língua, e dessa maneira não decorre o efetivo desenvolvimento linguístico. Apesar dos sinais constituírem um apoio para a língua oral, permanecem “interditados” aos surdos.

Segundo Quadros (2004), as pesquisas de Taeschner apontam a conveniência de não haver sobreposição das duas línguas envolvidas. A aprendizagem da língua de sinais deve acontecer em família, se possível, ou em outro âmbito, com um membro da comunidade surda, por exemplo, e a língua falada deve ser ensinada por outra pessoa caracterizando assim outro contexto comunicativo.

Num outro contexto, a criança aprenderá a desenvolver sua capacidade articulatória, fará adaptação de sua prótese e posteriormente sua educação acústica. A língua de sinais estará sempre à frente ou mais desenvolvida do que a língua falada, de forma que a competência linguística na língua de sinais servirá de base para a competência da aquisição da língua falada. Essa aprendizagem será desenvolvida através da competência de outra língua, igual acontece com os ouvintes quando aprendem uma segunda língua, sempre tendo base na sua língua materna.

3.3- LÍNGUA DE SINAIS E A CONSTRUÇÃO DA ESCRITA DA CRIANÇA SURDA

Segundo Peixoto (2006), desde que se tornou claro o fracasso das práticas oralistas em promover para o surdo um aprendizado efetivo, espalharam-se pelo mundo investigações das mais variadas ciências – neurologia, psicologia, linguística, educação – comprovando a competência da língua de sinais e a influência positiva que ela tem na construção do desenvolvimento e da aprendizagem dessas pessoas. Os movimentos sociais organizados por surdos e as recentes descobertas científicas funcionaram como questionamentos ao pensamento fonocêntrico que, por um longo período, serviu de orientação para a educação de surdos, abrindo caminho para o

rompimento da visão da surdez como patologia, e para o reconhecimento do surdo como sujeito bilíngue.

Entende-se dessa forma que, embora o surdo esteja inserido numa nova sociedade e em um núcleo familiar cuja maior parte dos membros tenha a língua oral majoritária, ele está ligado direta ou indiretamente a espaços e pessoas que se comunicam por uma língua de sinais. Reconhecer isso é basilar para uma sociedade que proporciona espaços de convivências plurais, que se pautem no respeito às diferenças, pois, aceitando a condição bilíngue de um surdo (implica automaticamente a aceitação e) dá liberdade para que possa transitar por essas duas línguas, e, além disso, se constitui e se forma a partir delas.

Segundo Mantoan (2010), as crianças surdas com perda auditiva severa ou profunda não fonetizam a escrita, ou seja, dessa forma não fazem qualquer regulação sonora, seja simbólica, fonética, desse sistema.

As crianças surdas vivenciam um processo de (re)estruturação da escrita, que em muitos aspectos assemelha-se aos vividos pela criança ouvinte; ou seja, partem da ideia inicial mais subjetiva, na qual a escrita não representa o nome das coisas e sim as próprias coisas, e assim evoluem para a compreensão da escrita como representação da linguagem.

Dessa forma as pesquisas de Ferreiro e Teberosky identificaram hipóteses infantis como o realismo nominal, exigência de variedade e quantidades de caracteres em escritores em formação (crianças ouvintes). A escrita inicial da criança surda se revela mais instável quanto a relação significado-significante e mais dependente do contexto e das imagens (PEIXOTO, 2006).

Em 1926, Vygotsky já criticava as práticas educacionais para a educação de surdos e do modo como a língua falada era ensinada; Segundo ele, a forma como a língua era ensinada tomava muito tempo da criança, e de certa forma não lhe ensinava realmente a construir logicamente uma frase. O trabalho da época, e da contemporaneidade, era (é) dirigido por uma "recitação" e não propriamente dito para aquisição de uma linguagem, resultando num vocabulário limitado, e na maioria das vezes, sem sentido, resultando numa situação bastante difícil e confusa. Vygotsky ainda falava que a problemática dos surdos aparecia brilhantemente resolvida nas teorias, mas que na prática não se tinha os resultados esperados (QUADROS, 2004).

Vivenciar o mesmo processo semelhante a outras crianças bilíngues, visto que, ao escrever, não apenas tem que dar atenção a significação do grafismo, mas tem que incorporar diferenças fonológicas, sintáticas e morfológicas nessa significação que está atribuída, definindo sua ação leitor/escritor como atos de tradução. Quando nos referimos à criança surda que se encontra diante dessa tarefa de alfabetizar-se o desafio torna-se dobrado, por que não apenas precisa aprender a modalidade escrita de uma língua, mas, também aprender a própria língua (REPOLI, 2010).

O reconhecimento truncado e tardio da condição bilíngue do surdo nos coloca em uma situação ainda inicial de compreensão das especificidades que marcam a relação do surdo com a escrita. Certamente, a língua de sinais desempenha um

papel nesse processo, cuja importância, embora já percebida, não foi nem devidamente e nem completamente detalhada pela psicolinguística, ou pela pedagogia. (PEIXOTO, 2006).

A apropriação que uma criança faz da realidade onde vive é sempre uma ação inteligente, pois vai fazer comparações e análises; o que pode nos levar a pensar que dificilmente a construção da escrita (mesmo que nunca vista antes) seja de forma aleatória. Pelo contrário, mesmo que diferenciando da escrita padrão, essa refletirá as concepções e conceitos que a criança pode construir sobre o “que” essa escrita representa e a forma “como” se dá essa representação.

3.4- EDUCAÇÃO INTEGRADORA

A língua de sinais é caracterizada como língua, pois preenche em grande parte os requisitos necessários que a linguística coloca para as línguas orais. Estudos também apontam que a linguagem desenvolvida pela comunidade surda, é a mais acessível aos surdos, pois é considerada respectivamente sua língua natural; o surdo mesmo sem ouvir, é capaz de desenvolver capacidades em uma língua visiogestual, capaz de favorecer seu desenvolvimento integral, contribuindo para sua constituição como sujeito (MACHESI, 1987).

Segundo Marchesi (1987) tudo é uma questão de oportunizar, de deixar de lado os preconceitos ou os julgamentos que o surdo sofre por sua deficiência, que não é capaz de fazer nada sozinho, todos temos habilidades, só basta que sejam despertadas, trabalhadas, aguçadas, para que se tornem mais perceptíveis, e que não tem nada a ver com precisar ou não de atendimento educacional especializado, e isso não vai impossibilitar o desenvolvimento de ninguém.

3.5. LETRAMENTO

A língua utilizada pela criança surda, a Língua Brasileira de Sinais, e o contexto escolar, resgata o termo letramento. Diferentes pesquisas mostram que as crianças surdas têm sido alfabetizadas através de processos similares as crianças ouvintes, que dispõem do português como língua materna. Muitos professores desconhecem a experiência visual surda, e suas formas de pensamento que são expressas através da língua visual-espacial (língua de sinais); podemos perceber dessa forma que as crianças surdas passam pelos mesmos processos das crianças ouvintes para a aquisição da linguagem (língua falada).

Segundo Quadros (2004) considerando a escrita de sinais, a forma escrita é formada por unidades que correspondem às configurações de mão, são movimentos e ou (as) expressões faciais gramaticais em diferentes postos da articulação que formam palavras, através de algumas combinações, dessa forma, o processo de letramento se desenvolve em crianças surdas mediante interação com a escrita da

língua de sinais, ou seja, grafemas, sílabas e palavras que têm características próprias que representam diretamente a língua de sinais brasileira.

Quadros (2004) também fala das implicações linguísticas na educação de surdos; elas basicamente são: a aquisição da linguagem; a língua enquanto meio e fim da interação social, cultural, política e científica; a língua como parte da constituição do sujeito, a significação de si e o reconhecimento da própria imagem diante das relações sociais (no sentido de Vygotsky); como instrumento formal de ensino da língua nativa (ou seja, alfabetização, disciplinas de língua de sinais como parte do currículo da formação de pessoas surdas); a língua portuguesa como uma segunda língua (alfabetização e letramento).

4- CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa bibliográfica que realizamos buscou conhecer de forma mais detalhada a história da educação dos surdos e suas respectivas implicações na adaptação do seu processo de ensino e aprendizagem. As publicações e a história da educação de surdos permitiram analisar as dificuldades e lutas que precisaram ser travadas para assegurar a dignidade ao cidadão com necessidades educativas especiais.

Mesmo com as dificuldades evidenciadas nesse trabalho, a qualidade das ferramentas de ensino-aprendizagem para surdos tem sofrido grandes modificações (dispensei porque não se escreve “qualidade qualitativa”), através de estudos científicos na área e na aplicação da qualificação em Libras para estudantes de todas as áreas do conhecimento, com obrigatoriedade para os alunos de licenciaturas.

Assim, percebe-se uma evolução gradual e crescente na qualidade do ensino (quando nos limitamos a perceber realidade do surdo) com a utilização da Libras à comunicação. É latente que a perspectiva de formação nesta língua seja inserida para os professores em todo país, que se crie condições e oportunidades para formação de profissionais.

O sujeito, na qualidade de indivíduo com necessidades educativas especiais, incluindo o surdo, quando o meio o estimula, tem a capacidade de desenvolver atividades que muitas vezes são vistas como possíveis apenas pelos ouvintes. Basta que mudemos nossas lentes de percepção do outro!

REFERÊNCIAS

BATISTA, Cristina Abranches Mota; MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Educação Inclusiva: Atendimento Educacional Especializado em Deficiência Mental**. [2. ed.] / Brasília: MEC, SEESP, 2006. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/defmental.pdf>> Acesso em: 06 set. 2015.

BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. *Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo*, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006.

BRASIL. Ministério de Educação e Desporto. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DÍAZ, F., et al., orgs. **Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. disponível em: <http://books.scielo.org/id/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285-17.pdf>: acesso em 28 Agosto 2015.

FERNANDES, E. **Problemas lingüísticos e cognitivos dos surdos**. Rio de Janeiro. Agir, 1989.

GOLDFELD, M. **A criança Surda: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Sócio-interacionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

LACERDA, C. B. F. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos**. Caderno CEDES, Campinas, v. 19, n. 46, p. 68- 80, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=en>. Acesso em: 26 maio 2015.

MANTOAN, M. T. E. **O atendimento educacional especializado na educação inclusiva**. Inclusão R. Educ. esp., Brasília, v.5, n.1, p. 12-15, jan/jul. 2010.

MARCHESI, A. **El desarrollo cognitivo e lingüístico de losninõssordos: Perspectivas educativas**. Madri: Alianza, 1987.

PEIXOTO, R. C.. **Algumas considerações sobre a interface entre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e a Língua Portuguesa na construção inicial da escrita pela criança surda**. Cadernos CEDES, Campinas, vol.26, n.69, pp. 205-229, 2006.

QUADROS, R. Educação de surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas. In: Mendes, E. G.; Almeida, M. A.; Williams, L. C. de A. (Org.). **Temas em educação especial IV**. São Carlos: EdUFSCar, p. 55-61. 2004.

REPOLI, E. A. **A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: a escola comum inclusiva – Brasília: Ministério da educação, secretaria de educação especial: Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2010.**

SILVA, S. C.; ARAÚJO, A.; CASTELAR, M., and MENDES, N. As contribuições da psicologia na educação de surdos: o caso do Centro de Educação Especial do Estado

da Bahia. In: DÍAZ, F., et al., orgs. **Educação inclusiva, deficiência e contexto social: questões contemporâneas** [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 171-190. ISBN: 978-85-232-0928-5. Available from SciELO Books disponível em: <http://books.scielo.org/id/rp6gk/pdf/diaz-9788523209285-17.pdf> acesso em 28 Agosto 2015.

SILVA, O. M. **Aepopéia ignorada: a pessoa deficiente na história do mundo de ontem e hoje**. São Paulo: Debas, 1998.

VOLPATO, E. S. N. **Pesquisa bibliográfica em ciências biomédicas**. J. Pneumol., São Paulo, v. 26, n. 2, p. 77-80, mar./abr. 2000.

Sobre os autores:

Adriana de Andrade Gaião e Barbosa Professora da Universidade Federal da Paraíba, Departamento de Psicopedagogia. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba; Mestre em Desenvolvimento Humano pela Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; Coordenadora do Grupo de Pesquisa Transtornos do Desenvolvimento, Aprendizagem e Comportamento/NESMEP/UFPB. E-mail para contato: adrianagaiao@uol.com.br

Agerdânio Andrade de Souza Revisor de texto Braille do Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Amapá. Graduado em Química com atribuição em licenciatura e Física pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR/RO); Mestrado em Química pela Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR); Integrante do Laboratório de Desenvolvimento de Instrumentação e Automação Analítica (Grupo DIA), cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa – CNPq; E-mail para contato: as.ac@hotmail.com

Aline Oliveira Costa Graduanda no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com o projeto: Política Educacional, parcerias público-privado e redes governança: reflexões a partir de redes de ensino de Campina Grande – PB. E-mail: alineoliveiracosta10@gmail.com

Amanda Damasceno de Macêdo Bacharel em Enfermagem pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão – FACEMA; Especialista em Oncologia pela Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão – FACEMA; Especialista em Regulação em Saúde no SUS, pelo Instituto Sírio Libanês. E-mail: amandamacedo190@gmail.com

Amanda Pereira Soares Lima Graduanda em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); E-mail para contato: amandapslima@yahoo.com.br.

Ana Célia Pereira Damasceno de Macêdo Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/Campus Caxias. Mestre em Ciências da Educação pela *Universidad San Lorenzo*-América Latina. Professora da rede municipal e estadual de ensino. E-mail: anacelia2814@hotmail.com

Ana Cristina de Almeida Cavalcante Bastos Graduação em Estudos Sociais pela Universidade Estadual da Paraíba e graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Ana Paula Soares Loureiro Rodrigues Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Universidade Federal da Paraíba - UFPB

Ana'mélia Damasceno de Macêdo Graduanda em Medicina Veterinária pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: macedo.anamelia@gmail.com

Anderson Felipe Pereira da Silva Estudante de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Pernambuco.

Andreia Gomes da Cruz Professora da Universidade Estácio de Sá (UNESA); Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF); Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (NEPES) da UFF, atuando na linha de pesquisa políticas de educação superior. Bolsista Pesquisa Produtividade da UNESA (2017-2018); E-mail: <andreigomes25@yahoo.com.br>

Andrezza Damasceno de Macêdo Graduada em Licenciatura em Química pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão – IFMA/Campus Caxias. Bolsista de Iniciação à Docência – PIBID/CAPEB. Bolsista de Iniciação Científica – PIBIC/IFMA. Pós-graduanda em Gestão Pública Municipal pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Pós-graduanda em Libras e Práticas pedagógicas aplicadas à educação bilíngue de surdos pela Fundação Sôsândrade – FSADU. Professora coordenadora do Farol do Saber Gov. Eugênio Barros, Caxias–MA. E-mail: andrezza_damasceno@hotmail.com

Anyla Laise Santos Especialização em ENSINO DE MATEMÁTICA. Universidade Candido Mendes, UCAM, Rio De Janeiro, Brasil; Graduação em Licenciatura em Matemática. Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, Brasil

Blenda Carine Dantas de Medeiros Psicóloga e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Assis-SP. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP, processo nº 2016/09622-2). E-mail: blenda_carine@hotmail.com.

Bruna Caroline Pessoa Guimarães Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/3258281075492716>; Email: bruna.unicap@gmail.com; Graduanda em Fisioterapia – UNICAP -CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde). Voluntária do projeto de Extensão da Unicap (Projeto Horizonte) na atividade de Brinquedista.

Carla Estefani Batista Graduação em Química – Bacharelado e Licenciatura pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR/PR); Mestrado em Química pela Universidade Estadual de Londrina (UEL/PR); Doutoranda em Clima e Ambiente pelo

Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia / Universidade do Estado do Amazonas (INPA/UEA/AM). E-mail para contato: Estefani@hotmail.com

Carla Montefusco de Oliveira Professora adjunta do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Graduação em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Mestrado em Administração de Empresas pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR); Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN);

Carlos Augusto Batista Sena Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2008). Graduação em Ciências Biológicas em andamento pela Universidade Federal de Pernambuco. Artigos publicados na área de TICs, Metodologias inovadoras de Ensino e Educação Inclusiva. Inglês e espanhol intermediários. Capacidade de liderança e trabalho em equipe. E-mail para contato: carlos_augusto_sena@hotmail.com

Cíntia Valéria da Conceição Graduanda em Licenciatura em Química. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID/CAPES. E-mail: pj.cintiavaleria@hotmail.com

Cristiane do Nascimento Martins Gestora escolar no município Lagoa de Dentro-PB; Graduação em História pela Universidade Estadual da Paraíba; Especialização em Educação Especial pela Universidade Cristo Rei; Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (6º período); E-mail para contato: cristiane-2505@hotmail.com.

Daniele Gruska Benevides Prata Doutoranda em Políticas Públicas pela Universidade Estadual do Ceará. Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza - Licenciatura / Bacharelado (2002; 2003), graduação em Enfermagem pela Universidade de Fortaleza (2013), Especialização em Terapias Tradicionais Chinesas pela Universidade Estadual do Ceará (2006), Mestrado em Administração pela Universidade de Fortaleza (2011) onde foi bolsista da CAPES. Tem experiência em Psicologia Organizacional, Estudos sobre Gênero e Educação, Psicologia Clínica, Psicologia Comunitária, Avaliação / Psicodiagnóstico, Ações Sustentáveis, Gestão de Resíduos de Serviços de Saúde e Prática Docente. Atua como Enfermeira Assistencial Concursada na Clínica Cirúrgica do Complexo Hospitalar da UFC - Hospital Universitário Walter Cantídio. daniele.gruska@uece.br

Déborah Kallyne Santos da Silva Psicopedagoga no Município Lagoa de Dentro-PB; Graduação em Psicopedagogia pela Universidade Federal da Paraíba; Graduanda em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba; E-mail para contato: kall.id@hotmail.com.

Edileine Vieira Machado Professora do Centro Universitário CESMAC/Maceió-AL; Graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP/Assis-SP; Graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho – UNINOVE/São Paulo-SP; Mestrado em Letras pela Universidade de São Paulo – FFLCH-USP/São Paulo-SP; Doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo – FE-USP/São Paulo-SP; Pós-doutorado em Fenomenologia pelo *Centro Italiano di Ricerche Fenomenologiche - CIRF / Roma-Itália*. E-mail para contato: edileinemachado@gmail.com

Elyza Matutynna De Queiroz Santos Graduada em Licenciatura plena em Matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pós-Graduada do Curso de Especialização em Gestão e Coordenação em Educação pela Universidade de Pernambuco.

Fátima Elisabeth Denari Professor da Universidade Federal de São Carlos; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos e membro colaborador do Programa de Mestrado em Educação Sexual, da Faculdade de Ciências e Letras/UNESP/Araraquara (FCLAR/UNESP); Graduação em Estudos Sociais, Asser/UNICEP/São Carlos/SP; Mestrado em Educação Especial, UFSCar ; Doutorado em Educação (Metodologia do Ensino), UFSCar; Pós Doutorado em Educação Sexual, NUSEX/FCLar/UNESP; Grupo de pesquisa: Géfyra – líder - (UFSCAr) e NUSEX – membro - (FCLAr/UNESP; E-mail para contato: fadenari@terra.com.br

Fernanda Caroline Pereira Silva Graduada no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto Pedagogia, desde 2016. E-mail: fernandacarolline10@gmail.com

Fernando Rodrigues Tavares Professor da Educação Básica; Graduação em Ciências Biológicas pela Faculdade Dirson Maciel de Barros – FADIMAB; Graduação em Pedagogia pela ALFAMÉRICA; Doutorando em Ciências da Educação pela Universidad Grendal; E-mail: fer-t9@hotmail.com

José Dayvid Ferreira da Silva Bacharel em Ciências Biológicas pela Universidade de Pernambuco. Mestre em Bioquímica e Fisiologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutorando em Bioquímica e Fisiologia pela Universidade Federal de Pernambuco. Pós-Graduando do Curso de Especialização em Gestão e Coordenação em Educação pela Universidade de Pernambuco.

José Jefferson da Silva Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Pernambuco UFPE/CAA. Professor Efetivo de Matemática da Rede Estadual de Pernambuco. Atuou como professor substituto da Universidade Federal de Pernambuco - Campus Acadêmico do Agreste, Núcleo de Formação Docente, nas graduações: Matemática - Licenciatura, Química - Licenciatura e Física - Licenciatura, ministrando disciplinas de Educação de Matemática, Matemática do

Ensino Superior, e Matemática da Educação Básica. Licenciado em Matemática pela UFPE/CAA. Licenciado em Matemática (UFPE-CAA). Participou de Intercâmbio no curso de Licenciatura em Matemática da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra - FCT/UC, financiado pelo CNPq. Tem interesse em diversas áreas de estudo como a área Educação Especial numa perspectiva Inclusiva, Educação Matemática, Metodologia do Ensino da Matemática, Educação Estatística.

José Kasio Barbosa da Silva Graduando do curso de Pedagogia, na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Foi bolsista de monitoria em disciplinas de Psicologia nos Cursos de Pedagogia e Química da FACEDI/UECE. Também Bolsista do projeto de extensão universitária “Cine Itinerante”, uma leitura do mundo por meio do cinema. Além integrar como estudante o Grupo de Estudo Sobre Heteronormatividades nas Escolas – GEHE, no qual se discutiram questões de gênero e sexualidade e outras que atravessam esses marcadores. Tem interesse em pesquisas nas temáticas relativas à Educação, Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos, já tendo apresentado e publicado pesquisas nestes eixos. jose.kasio@aluno.uece.br

José Rafael Moura Silva Graduado no Curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Ceará. Focou sua monografia para a compreensão histórica da Educação de Surdos.

Joselito Santos Professor das Faculdades Integradas de Patos e da FACISA. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicopedagogia das FIP; Graduação em Comunicação Social pela Universidade Estadual da Paraíba; Mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual da Paraíba; Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte; Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Juliana Brito Cavalcante Possui graduação em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (2008). Especialista em Saúde Pública(2012) e Gestão de Urgências e Emergências(2013). Mestrado em Saúde Coletiva- UNIFOR(2016). Doutoranda em Psicologia- UNIFOR(2017). Atualmente é professora da Universidade Estadual do Ceará- UECE e dos Cursos de Especialização em Psicopedagogia, Gestão Escolar E Psicologia Hospitalar. Tem experiência profissional na área da docência, saúde e assistência social, atuando principalmente nas áreas: Psicologia Organizacional e do Trabalho, Gestão e Psicologia da Aprendizagem e do Desenvolvimento. juliana_brito_psicologia@hotmail.com

Juliana da Silva Pereira Graduada em Licenciatura em Química pelo Instituto Federal do Maranhão – IFMA/Campus Caxias. Foi bolsista do Programa de Iniciação Científica – PIBIC, pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Maranhão – FAPEMA e pelo IFMA. E-mail: julianapereira.quim@gmail.com

Karolina Lima dos Santos Araújo Licencianda do Curso de Licenciatura em Matemática no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco. Monitora da mesma Universidade na disciplina de Estatística (2015.2).

Foi Integrante do Projeto de Extensão intitulado Sherlock Holmes na Matemática, em 2015. Atual desde 2016 como bolsista no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UFPE) promovido pela CAPES.

Katheley Wesllayny da Silva Santos Graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- CE; Pós-graduação Lato sensu em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Gestão Educacional pela Faculdade Europeia de Administração e Marketing- PE. Bolsista discente no PET Parasitologia- UFPE; E-mail para contato: katheleywesllayny@hotmail.com

Keilla Rebeka Simões de Oliveira Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba; Mestrado em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em andamento em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco; Grupo de pesquisa: Grupo de Pesquisa Linguagem Leitura e Letramento (GEPELLL);E-mail para contato: keilla.rso@gmail.com.

Layanna de Almeida Gomes Bastos Graduação em Ciências Biológicas (Bacharelado e Licenciatura) pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB e Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA da Universidade Federal da Paraíba – UFPB

Lourhan Oliveira Chaves Graduado em Licenciatura em Química pelo Instituto Federal do Maranhão – IFMA/Campus Caxias. Participou do grupo de pesquisa de fotocatalise. E-mail: lourhanoliveira@hotmail.com

Luanna Raquel Gomes Macedo Graduanda no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto Pedagogia, desde 2016. Técnica em Manutenção e Suporte em Informática, pelo Instituto Federal da Paraíba. E-mail: luanna_raquel_@hotmail.com

Luciana Velloso Professora Adjunta no Departamento de Ciências Sociais e Educação (DCSE) da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação (PPGECC) da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF/UERJ); Mestrado em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da UERJ (ProPEd/UERJ); Doutorado em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da UERJ (ProPEd/UERJ); Grupo de pesquisa: Pesquisadora integrante do grupo “Currículo: sujeitos, conhecimento e cultura”;E-mail para contato: lucianavss@gmail.com

Luis Gustavo Guerreiro Moreira guguerreiro@gamil.com; Aluno do curso de Doutorado em Políticas Públicas na Universidade Estadual do Ceará. Mestre em Sociologia e bacharel em Ciências Sociais, ambos pela Universidade Federal do Ceará. Ocupa atualmente o cargo de indigenista especializado na Fundação Nacional do Índio - Funai. Tem experiência em docência na área de Ciência Política e

Sociologia dos cursos de graduação da Universidade Aberta do Brasil UAB pela Universidade Federal do Ceará. Dedicar-se a estudos na área de Sociologia Política, com ênfase em teoria das nacionalidades, em estudos estratégicos e política indigenista. Atua como pesquisador do Observatório das Nacionalidades e como editor executivo do periódico científico Tensões Mundiais. Também é pesquisador filiado à Associação Brasileira de Estudos da Defesa – ABED

Luiz Ferreira de Oliveira Junior Graduado em Licenciatura em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Aperfeiçoamento em Docência na Escola de Tempo Integral pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Pós-Graduando do Curso de Especialização em Gestão e Coordenação em Educação pela Universidade de Pernambuco.

Márcia Rejane Almeida de Carvalho, pedagoga pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda, Pós graduada em Psicologia da Educação pela UFPE e Especialista em Práticas Pedagógicas pela FUNESO, mestre em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Lisboa e doutoranda pela Universidade Nova Lisboa – Portugal com a especialização em formação e supervisão de professores. Sou funcionária pública do estado de Pernambuco e trabalho com formação de professores na expectativa de inclusão na rede privada de Olinda. E-mail: marciacsh1@hotmail.com

Marcos Andrade Alves dos Santos Aluno da Especialização em Gênero e Diversidade na Escola na Universidade Federal do Ceará – UFC. Graduado no curso de Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade Anhanguera – UNIDERP (2015). Graduando no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Possui experiência em pesquisas sobre Gênero, Sexualidade, Direitos Humanos e Educação e na construção e Desenvolvimento de Políticas Públicas. Atua como Secretário da Associação da Diversidade de Itapipoca (ADI) e como Agente Administrativo concursado na Prefeitura Municipal de Trairi. Também é pesquisador do Grupo de Estudos do Programa de Pós Graduação em Direito Constitucional da Universidade de Fortaleza – UNIFOR. marcos.andrade@aluno.uece.br

Marcus Bessa de Menezes Professor da Universidade federal de Campina Grande – UFCG; Graduação em Licenciatura em matemática pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco; Pós Doutorado em Educação Matemática pela Universidade Complutense de Madrid; Grupo de pesquisa: Fenômenos Didáticos; E-mail para contato: marcusbessa@gmail.com

Maria Elena da Cruz Graduada em Licenciatura plena em Filosofia pela Faculdade Batista Brasileira na Bahia. Especialista em Projeção pelo Instituto Federal de Pernambuco. Pós-Graduanda do Curso de Especialização em Gestão e Coordenação em Educação pela Universidade de Pernambuco.

Maria Fernanda Sanchez Maturana Graduação em Turismo pela Universidade Estadual Paulista; Mestrado em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista; E-mail para contato: ma.fersanchez@hotmail.com

Marly Santos da Silva Coordenadora Pedagógica do Município Lagoa de Dentro-PB; Graduação em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba; Mestre em Práticas de Educação pela Universidade Unigrendal; Doutoranda em Ciências da Educação pela Universidade Unigrendal; E-mail para contato: santosmarlyprof@gmail.com

Monalisa Silva Melo Licencianda em Matemática no Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (2013). Atualmente leciona na empresa Instituto Olavo Bilac na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, nas Séries Finais do Ensino Fundamental

Nathalia Rodrigues Araújo Graduanda no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) – Subprojeto Pedagogia, desde 2016. E-mail: nathipx19@gmail.com

Nubia Xavier da Silva Professor da Universidade Paulista; Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP/AP). E-mail para contato: nubiareivax@hotmail.com

Oberdan José Teixeira Chaves Professor do Centro de Apoio Pedagógico ao Deficiente Visual. Graduação em Matemática pela Universidade do Estado do Pará (UEPA/PA); E-mail para contato:

Osias Raimundo da Silva Junior Graduação em andamento em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui participação e trabalhos publicados em eventos científicos; fiz parte dos projetos de pesquisa GENTE e METODOLOGIAS ATIVAS e INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NA ÁREA DE CIÊNCIAS NATURAIS (2016); também atuei no projeto de extensão PROI-DIGIT@L: Espaço de criação para inclusão digital; ministrei oficinas sobre como aplicar a ferramenta Design Thinking na sala de aula e o MOBILE LEARNING como metodologia ativa no ENSINO DE BIOLOGIA. Atualmente, faço parte do Programa Institucional com Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID). E-mail para contato: Juniorsilvapi@hotmail.com

Patrícia Teixeira de Matos Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará-UECE; Email: patricia.teixeira@aluno.uece.br

Pedro Thiago Chagas de Souza Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/5529680851124800> Graduando em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da Universidade Católica de Pernambuco –UNICAP -CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde). Email: pedrothiiagomih@gmail.com; Bolsista Pibid na Unicap e Voluntário do projeto de Extensão da Unicap (Projeto Horizonte) na atividade de Brinquedista.

Polliana Barboza da Silva Supervisora Escolar e Professora da Educação Básica; Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB; E-mail: pollianabarboza@hotmail.com

Pollyana Souto da Silva Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/9533357039273988>; Email: polyssouto@gmail.com. Graduada em Licenciatura Plena em Ciências Biológicas da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP -CCBS (Centro de Ciências Biológicas e da Saúde). Voluntária do projeto de Extensão da Unicap (Projeto Horizonte) na atividade de Brinquedista.

Raimunda Aurilia Ferreira de Sousa Graduação em Geografia pela Universidade Regional do Cariri-URCA; Especialização em Ensino de Geografia pela Faculdade de Juazeiro do Norte-FJN; Mestrado em Geografia pela Universidade Federal do Ceará-UFC; Doutoranda em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE; Email: aurilia_sousa@yahoo.com

Rebeka Rayane Araujo de Lima Graduação em andamento em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Possui participação e trabalhos publicados em eventos científicos. Tenho capacidade e experiência de trabalhar em equipe. Atualmente, faço parte do Programa Institucional com Bolsas de Iniciação a Docência (PIBID). Integra pesquisas na área de educação, com enfoque em educação inclusiva no NEAP (Núcleo de Ensino e Apoio Psicopedagógico) da UFPE. E-mail para contato: rebekarayane24@gmail.com

Renan Belém da Silva Graduando em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Atualmente obtendo experiência na área ecotoxicologia, estagiando no LABORATÓRIO DE CULTIVO DE MEIOFAUNA MARINHA E ESTUARINA (LACIMME) e Integra pesquisas na área de educação, com enfoque em educação inclusiva no NEAP (Núcleo de Ensino e Apoio Psicopedagógico); Integrou, no ano de 2016, os projetos de pesquisa GENTE; METODOLOGIAS ATIVAS E INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS NA ÁREA DE CIÊNCIAS NATURAIS e PROI-DIGIT@L: Espaço de criação para inclusão digital, ministrando oficinas sobre a metodologia ativa SALA DE AULA INVERTIDA; MOBILE LEARNING NO ENSINO DE BIOLOGIA e DESIGN THINKING. E-mail para contato: renanbs14@gmail.com

Sandra Patrícia Ataíde Ferreira Professor da Universidade Federal de Pernambuco; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco; Graduação em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda; Mestrado em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco; Doutorado em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco; Grupo de pesquisa: Grupo de Pesquisa Linguagem Leitura e Letramento (GEPELLL); E-mail para contato: tandaa@terra.com.br

Sônia Helena Costa Galvão de Lima Professora e Coordenadora do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário CESMAC/Maceió-AL; Graduação

em Psicologia pelo Centro Universitário CESMAC; Mestrado em Educação pela Universidade Cidade de São Paulo – Unicid/São Paulo-SP; E-mail para contato: sonia.lima@cesmac.edu.br

Tânia Maria de Oliveira Nery Professora da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP: /CTCH (Centro de Teologia e Ciências Humanas). Endereço para acessar CV: <http://lattes.cnpq.br/0716202039562465>; Email: tmnery@gmail.com; Coordenadora do projeto de Extensão da Unicap (Projeto Horizonte).

Tatiana Cristina Vasconcelos Professora da Universidade Estadual da Paraíba e das Faculdades Integradas de Patos. Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Psicopedagogia das FIP; Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba; Mestrado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba; Doutorado em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro; E-mail: vasconcelostc@yahoo.com.br

Thiago Matias de Sousa Araújo Professor substituto do Departamento de Fundamentos e Políticas da Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Graduado em Direito e em Pedagogia pela UFRN. Mestre em Educação pela UFRN. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Vinculado ao grupo de Pesquisa “História, Sociedade e Educação no Brasil: HISTEDBR/UFSCar”. E-mail: thiogomatias.sa@hotmail.com.

Vagner Sérgio Custódio Professor da Universidade Estadual Paulista; Membro do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Universidade Estadual Paulista; Graduação em Educação Física pela Universidade Estadual Paulista; Mestrado em Educação pela Universidade Estadual Paulista; Doutorado em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas; Grupo de pesquisa: Nutex, Cpides e Gepter; E-mail para contato: vagner@rosana.unesp.br

Vanessa Cristina Sossai Camilo Graduação em Pedagogia pela Faculdade Integrada Soares de Oliveira e Graduação em Enfermagem pela Universidade de Marília; Mestrado em Educação Sexual pela Universidade Estadual Paulista; Grupo de pesquisa: Gepife; E-mail para contato: vcsossai@hotmail.com

Vanessa Lays Oliveira dos Santos Graduação em Matemática pela Universidade de Campina Grande UFCG; Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; Grupo de pesquisa: LEEMAT – Leitura e Escrita em Educação Matemática- UEPB; E-mail para contato: vanessa.lays@gmail.com

Veralucia de Lima Silva Psicóloga no Município Lagoa de Dentro-PB; Graduação em Psicologia pelo Instituto Paraibano de Educação; Graduação em Licenciatura em Psicologia pelo Centro Universitário de João Pessoa; Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba; E-mail para contato: veralimapb@gmail.com.

Vycttor Mateus de Melo Alves da Silva cursando 5º período de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Técnico em Química Industrial pelo Instituto Federal de Pernambuco. Integra pesquisas na área de educação, com enfoque em educação inclusiva no NEAP (Núcleo de Ensino e Apoio Psicopedagógico) da UFPE. Possui experiência na área de ensino de Bioquímica Aplicada após atuação no Laboratório de Aulas Práticas do Departamento de Bioquímica da UFPE (DBioq). Atualmente participa do PIBID Biologia, o qual participa desde 2017. E-mail para contato: vycttormateus1@gmail.com

Wuallison Firmino dos Santos Coordenador pedagógico de matemática do Colégio Municipal Monsenhor Stanislaw em Olivedos; Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB; Graduação em Matemática (Licenciatura) pela Universidade Federal de Campina Grande – UFCG; E-mail para contato: wuallison13@hotmail.com

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-93243-77-6

